

URANIO BONOLDI

UM THRILLER SOBRE
O PODER DA VINGANÇA.
VALE A PENA?

A
CONTRA-
PARTIDA

LIVRO 2

O CONTRA-ATAQUE

valentina 

A
CONTRA-
PARTIDA

LIVRO 2

O CONTRA-ATAQUE

UM THRILLER SOBRE
O PODER DA VINGANÇA.
VALE A PENA?

URANIO BONOLDI

A
CONTRA-
PARTIDA

LIVRO 2

O CONTRA-ATAQUE


valentina

Rio de Janeiro, 2021

1ª Edição

Copyright © 2021 by Uranio Bonoldi

CAPA

Raul Fernandes

FOTO DE CAPA

Thiago Sapienza (atriz: Dedé Duarte)

DIAGRAMAÇÃO

Kátia Regina Silva

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2021

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
MERI GLEICE RODRIGUES DE SOUZA – BIBLIOTECÁRIA CRB-7/6439

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

PARTE UM

*O Passado Pode
Ser Enterrado?*

Chamas que Ardem



“Eu só queria dar um jeito, arrumar tudo!”

Outono na cidade de São Paulo, 21 de abril, 15:15h. As ruas estão vazias no bairro Santa Cecília, e as quatro quadras que separam a casa de Iaúna do bar parecem intermináveis para o dr. Octávio Albuquerque Júnior. Os passos largos e as mãos trêmulas, que traduziam todo o nervosismo do crime recém-cometido, agora retratam desespero.

“Não! Não pode ser verdade! Não pode ser verdade! Porraaa!!!”

Octávio sente uma dor aguda e aperta o peito com força. O coração bate como murros de uma agonia que tenta escapar, a boca do estômago é pura ânsia e um gosto de fel lhe amarga a língua.

Um jato forte e quente sobe descontrolado, corroendo o esôfago. Vomita. Um líquido de odor fétido cobre a calçada, e essa mesma matéria densa e cáustica escorre pela boca. Sem esperar por outra golfada, com a mão suja desse líquido viscoso, volta a pegar o celular. Os dedos precisos de cirurgião cardíaco tremem, enquanto a senha é inserida. Erra. O indicador escorrega na gosma e a tela deixa de responder ao toque. Cai de joelhos, derrama na mão a água com gás comprada no bar ao lado e limpa o celular. Tenta a senha mais duas vezes até que consegue desbloquear o aparelho.

A tela informa que há recados na caixa postal. Ele já sabe, já ouviu, mas a mente custa a acreditar.

No seu devaneio, imagina um mundo no qual interpretou a mensagem erroneamente e está tudo bem, mas a realidade é mais insuportável que os pequenos golfos que ainda sobem em espasmos e escapam como coriza.

Aciona o comando para ouvir novamente a caixa postal, e o pior se confirma na voz doce e simpática de Cristina Albuquerque, sua mãe: *“Iaúna acabou de me chamar para ver umas coisas velhas que ainda estavam guardadas no porão. Ela quer minha autorização para jogar tudo fora. Coisas da sua avó, inclusive. Quem sabe encontro algo que sirva de recordação? Me convidou para tomar um chá com bolo de fubá juntas, daqui a pouco, lá mesmo na casa dela. De lá te ligo de novo. Te amo, meu eterno gato...”*

Desta vez, o ar lhe falta completamente. Não consegue respirar e sufoca. Octávio se contorce na calçada e coloca a mão no rosto, desesperado. Pessoas no bar e alguns poucos transeuntes se aproximam para ampará-lo. Tentam entender o crescente desespero daquele homem.

“Não pode ser verdade, caralho! Não pode, porra! Que pesadelo!”

Uma forte explosão levanta uma revoada de pombos dos telhados das casas antigas do bairro tradicional e assusta os fregueses do bar. Octávio grita para si mesmo, entre lágrimas e suor:

– Preciso voltar! Preciso salvar ela de lá!

“Voltar para onde?”, “Salvar quem?”, perguntam algumas pessoas.

Sem equilíbrio, Octávio se levanta, apoiado num poste. Tosse, engasga e chora. Outro jato de vômito sai com violência, e o abdômem se contrai na tentativa de expulsar tudo.

– Calma, moço... – pede uma mulher, tentando amparar o médico que urra e caminha com dificuldade, tropeçando e se desvencilhando do povo que o observa:

– Me solta! Ela tá lá! Preciso voltar! – repete.

Sem força nas pernas, ele cai de joelhos, enquanto fala baixinho para si mesmo:

– Ela não tá lá. Ela não foi, não pode ser, eu tô muito fodido, mãe!

Octávio imagina Cristina em casa, no sofá, lendo uma revista e sorrindo.

Enquanto mais pessoas o cercam, outras comentam sobre a terrível explosão e correm em direção à fumaça negra que se ergue numa coluna mortal. As vozes em volta de Octávio estão abafadas e incompreensíveis. A cabeça dói. Nos ouvidos, um zumbido agudo e penetrante.

Agora imagina Cristina de pé, preparando seu famoso dry martini, sempre cativante e feliz. Está sorrindo também.

– Mãe!!! – grita, ao mesmo tempo que se engasga e tosse.

No chão, aperta o atalho do celular para ligar para a mãe.

– Atende, mãe, pelo amor de Deus, atende, pelo amor de Deus, atende, pelo amor de Deus, atende, pelo amor...

Ela não atende. Apoiando-se em braços alheios, Octávio se ergue. Os rostos estão borrados, mas todos parecem ser o de Cristina Albuquerque.

Caminha mais alguns metros, empurrando quem lhe oferece apoio e ignorando as vozes que, vez ou outra, são incompreensíveis: “Tá bêbado!”, “Drogado”, “É o crack”, “Tão bonito”, “Sujeito estranho de gorro e regata”, “Alguém chama um médico...”. Encostado contra uma parede, ouve sirenes. “Polícia?”, “Não... bombeiros!”

O elixir recém-ingerido intensifica seu efeito na mente de Octávio, e a razão lhe cai como uma bomba. “Não dá para fazer mais nada. Preciso fugir.” Respira fundo e corre para longe da turba, batendo o ombro nos muros e raspando o braço, a ponto de se ferir. Esfrega os olhos melados com os dedos sujos. O ardor é intenso. “Caralho! Porra!!!”

Escora-se, vacilante, numa árvore, e considera voltar para o casarão e resgatar a mãe. Odeia-se pela ideia idiota. “Casarão não, imbecil, burro! Volta pra casa e segue o plano, seu idiota! Você tem que estar em casa!”

Caminha no sentido contrário a toda a balbúrdia gerada pelo incêndio e evita se expor ou ter a imagem capturada pelas câmeras de segurança da rua. Prossegue, cambaleante e ofegante, vômito na roupa e o rosto banhado de lágrimas e suor. Morde o canto do lábio e conclui: “Eu tô muito fodido, fiz merda. Acabei com a minha vida. Eu quero morrer!!!”.

Já perto do prédio em que mora, para na entrada de um estacionamento, cuja lateral foi tomada pelo mato, e, percebendo-se fora do fluxo normal de gente, começa a tirar o disfarce: gorro, barba falsa e óculos escuros. Embola tudo e leva para queimar mais tarde. Entra no prédio pela garagem, para não ser visto. Estudou a posição de todas as câmeras e como não ser detectado. Arrasta-se, exausto, pela escada de emergência, degrau por degrau, andar por

andar. Para muitas vezes em busca de ar – uma verdadeira via crúcis –, até que chega na sua cobertura.

Seguro no apartamento, fita a própria imagem destruída no espelho do banheiro e chora copiosamente, odiando-se. Lembra-se de quando ouviu o ranger da porta da despensa sendo aberta no casarão e concluiu: “deslocamento de ar”.

“Podia ser o vento, mas teria sido a minha mãe, dopada, naquele armário da cozinha? Meu Deus, eu não fui até a cela! Será que ela estava lá? Eu não fui até a cela! Índia filha da puta! Minha mãe estava na cela! Índia maldita, queime no inferno, vagabunda!”

Mira seu reflexo no espelho, e a adrenalina vai baixando. Está um traste, uma sombra de ser humano, um lixo desprezível. Descobriu o que existe muito abaixo do fundo do poço. Matou a doce mãe da pior maneira possível e agora corre o risco de ser preso.

– Queimei viva minha própria mãe!!!

Chora desesperadamente, sentindo a mãe ao seu lado, perguntando com indignação macabra: “O que você fez, meu filho? Amor da minha vida, o que você fez?”

Imagina Cristina Albuquerque no chão do casarão, morta, carbonizada. Ela ainda sorri.

– Eu fiz por você e pelo papai! Eu só queria dar um jeito, arrumar tudo! Eu quero arrumar tudo! Eu ainda quero arrumar tudo...

O Início da Tempestade



16 de abril de 2016, Nova Andradina, Mato Grosso do Sul.

Um homem alto, forte, com feições indígenas, muito bem-vestido, chega a uma serraria num carro de luxo. Enquanto dá a volta na parte de trás do estacionamento, ouve rodas derrapando do outro lado da construção. Pelo retrovisor, vê uma picape azul, com vidros escuros, deixando a madeireira em alta velocidade.

Carlos “Pajé” Rodrigues, cujo nome real é algo muito pior e sinistro, foi até a sua madeireira, convocado por um funcionário. Segundo o encarregado, um cliente importante faria um grande pedido naquele dia e eles lucrariam bastante. Quem seria o desconhecido naquela picape azul?

Sem descer do carro, liga para os funcionários, mas ninguém atende. O que é estranho, pois eles sabem que o patrão nunca espera mais de dois toques, e as consequências de demorarem para atendê-lo são sempre duras. Os carros dos empregados ainda estão no estacionamento.

“Será que aqueles bostas fizeram alguma besteira e fugiram?”, indaga-se, largando o veículo próximo à entrada e correndo, sem quase fazer barulho, para dentro do escritório.

Olhos destreinados talvez não percebessem que o ambiente foi alterado, mas não os de Carlos. Seus sentidos, memória e poder de dedução reconhecem a mais ínfima mudança de cenário. “Alguém limpou o escritório. Fizeram uma merda e tentaram não deixar rastro”, conclui e corre de volta para o carro.

“Eu pego aqueles dois filhos da puta!”

Ao mesmo tempo que pisa fundo para tentar alcançar a misteriosa picape, liga para um contato:

– Alô?

– Cleuter, seu merda, você sabe se o Cartel do Carcará tá com gente por essas bandas de Nova Andradina?

– Se... seu Carlos? É o senhor?

– Não! É a tua mãe, seu corno! Responde logo se você ouviu algo sobre o Cartel do Carcará. Se alguém da turma deles veio pra cá...

– Olha, seu Carlos, eu... eu acho que não, viu? Corre na boca miúda que o senhor já pegou tudo e que eles estão satisfeitos com o pedacinho de chão que o senhor deixou na fronteira. Eles morrem de medo... pavor mesmo do senhor querer tomar deles!

– É bom que tenham medo e é bom que você tenha também, Cleuter. Tô com problema com dois funcionários, e, se eu descobrir que passaram eles, a trégua vai terminar! Espalha a palavra por aí, já!

– Deus me livre, seu Carlos... trégua terminar? Não brinca assim, não!

– Se você estiver mentindo...nem seu Deus vai te livrar dessa, Cleuter. Tchau!

– Sua ‘bença’, patrão.

– Bença é o caralho!

Alcançar a picape não é problema para Carlos. O motorista em fuga está com pressa, mas não é tão habilidoso quanto ele no volante. A ideia é seguir até o final e entender a razão de tudo aquilo. Estranhamente, quem quer que esteja dirigindo o carro perseguido respeita radares e limites de velocidade. Quando o veículo entra na rodovia federal MS-276, Carlos se preocupa: “Aonde esses filhos da puta estão indo? Vou ficar sem combustível.”

Por sorte, a picape para em um posto na cidade de Batayporã, e Carlos aproveita para abastecer também seu veículo. É discreto para ninguém perceber sua presença. Assim que retoma a estrada, a picape para num acostamento vazio e mal iluminado. Carlos observa de longe, apaga os faróis e entra com o carro num matagal alguns metros atrás. Ele consegue ver que o motorista está trocando as placas dianteira e traseira.

“Quem é esse cara?”, pergunta-se. “Bom, esse bosta tá morto, só não sabe ainda!”

Quando, horas depois, o veículo perseguido entra na MS-480, sentido rio Paraná, Carlos fala em voz alta:

– Vai pra São Paulo, é? Quero que se foda, agora eu vou até o fim!

O ritual de parar para trocar a placa ocorre sempre que há aviso de pedágio. Carlos observa, entre outros fatores, que o motorista da picape azul se desfaz de sacolas plásticas ao longo do caminho, numa atitude extremamente suspeita.

Já em São Paulo, faltando dez minutos para as cinco da manhã, a picape para mais uma vez, agora numa rua sem saída, o que obriga Carlos a estacionar longe e observar tudo a uma distância segura. O motorista, vestindo jaqueta de couro e gorro, sai do carro, troca novamente as placas e tira a jaqueta, o gorro e um bigode postiço. Veste, então, uma capa de chuva amarela com capuz e calça botas aparentemente novas. A chuva forte começa a se transformar em tempestade.

“Esse aí vai aprontar alguma. Onde foram parar o Joilson e o Cleverson?”, pensa, voltando a seguir o utilitário até uma estrada de lama, bem arborizada. Para não ser visto, desliga os faróis e mantém-se longe. “Ele não pode me ver de jeito nenhum, até que eu queira ser visto.”

O carro perseguido estaciona definitivamente numa trilha aberta, e tudo vai ficando muito mais bizarro. Carlos deixa seu veículo e segue a pé até o final da trilha, onde há árvores altas e vegetação com raízes aéreas. O terreno fica ao lado de um parque.

Caminha por entre as árvores com grande destreza, apesar do tamanho e da quase total falta de iluminação. Andar entre árvores, para ele, é como nadar para um peixe: natural, simples e fluido. Localiza a picape voltada para o mato, os faróis altos iluminando o motorista. As portas do veículo estão abertas, e Carlos, olhando por entre as rodas, consegue precisar o momento ideal para observar tudo com absoluta certeza de que não será visto.

O motorista está de joelhos, vomitando próximo a dois corpos. Mesmo com a chuva torrencial, é possível enfim descobrir o paradeiro dos empregados.

“O desgraçado matou o Joilson e o Júnior!”, conclui, avaliando se deve atacar o homem. Para ele, não será difícil acabar com aquele estranho, mesmo que ele esteja armado. Carlos tem certeza de ter sobre si as sagrações e dádivas dos deuses, que lhe garantem força e inteligência acima da média. Além disso, aquele sujeito vomitando não parece ser um inimigo à altura.

O motorista olha para o alto e grita algo inaudível. Em seguida, levanta-se e posiciona-se entre os dois corpos. É possível perceber algumas características físicas do homem: aproximadamente 40 anos, magro, forte, cerca de 1,80 m de altura. “Ainda assim, fácil de ser abatido.”

Repentinamente, o estranho saca um canivete e corta os dedos dos cadáveres, um a um, colocando-os num tubo plástico. Foram dezenove ao todo, pois Cleverson perdera uma falange num acidente na marcenaria. “Esse filho da puta não quer que eles sejam identificados, canalha!” Mesmo nervoso e já tendo vomitado mais duas vezes, o homem parece ter competência, pois, além das luvas que usa, possui a habilidade típica de um açougueiro. O homem se mostra apreensivo em meio às árvores altas e o terreno lamacento. Tropeça nos cadáveres que jazem inertes, tórax e cabeça dilacerados, olhos arregalados em derradeira expressão de terror.

Um ódio mortal toma conta de Carlos. Decide dar a volta na picape – que permanece com o motor ligado – para ver se encontra mais pistas. “Motor roncando e essa chuva dos infernos são ótimos para encobrir o som dos meus passos.” Na porta aberta do passageiro, uma caixa vermelha com alça branca repousa, esquecida, sobre o banco. Ele acompanha com o olhar o motorista, que se recupera do tombo e se dirige ao banco traseiro do veículo. Esse é o momento ideal para dar a volta pela frente, mas não sem antes pegar a caixa.

“Preciso ver o que tem dentro dessa merda de caixa”, decide.

O motorista vai até o banco traseiro da picape para limpar os vestígios do seu transporte macabro. Retira e dobra enormes plásticos escuros e, de onde está, olha de relance para os bancos da frente. Parece notar o sumiço da sua caixa no banco do passageiro. Ao mesmo tempo, Carlos já vai abrindo a tampa da caixa e encontra o que menos esperava ver naquele início de manhã tempestuosa: nos quatro compartimentos internos do recipiente, há dois corações e dois cérebros humanos.

“Esse motorista não é apenas um homem comum. É um adversário.”

Carlos reconsidera a ideia de atacá-lo fisicamente. “Não pode ser coincidência. Esse cara sabe do ritual. Ele conhece o elixir!” Imediatamente repõe a caixa no banco do passageiro. O motorista da picape, após dar a volta no veículo e reencontrar a caixa no local onde havia deixado, fica visivelmente confuso. Carlos, por sua vez, corre por trás dele rapidamente e se camufla entre as árvores próximas.

– Quem é?! Quem está aí? – grita o homem.

Carlos não se mexe, apenas ergue a cabeça a tempo de, no clarão de um relâmpago, identificar o rosto daquele que será o seu novo e maior pesadelo.

“Dr. Octávio Albuquerque Júnior! É o filho do figurão!”

Carlos se mantém estático até a picape dar a volta rapidamente e sair pela estrada, espirrando lama em todas as direções.

“Será que esse filho da puta descobriu tudo? Será que ele se uniu a *ela*? Até onde *ela* está envolvida?”, pensa, enquanto, tomando chuva, amaldiçoa seus próprios deuses e liga para a única pessoa que poderá solucionar esse mistério.

– Alô, Iaúna? Como vai, minha irmã? – pergunta, em meio à tempestade torrencial que já alaga a pequena estrada.

A mulher do outro lado da linha atende chamando-o pelo verdadeiro nome, seu nome secreto, um nome que é uma função, uma missão e, ao mesmo tempo, uma maldição. Um nome que Carlos não ouve há algum tempo e só admite ouvir dos lábios da própria irmã:

– Iaruanã? É você?

O maior de todos os trovões explode em fúria, no Parque do Carmo...

Interrogatório



No dia 26 de abril de 2016, antes mesmo do enterro da mãe, Octávio é chamado na 77ª DP para prestar depoimento sobre o estranho incêndio no tradicional casarão de Santa Cecília. O delegado Paranhos, o PH, e o escrivão recebem o médico com grande empatia.

– Dr. Octávio, meus sentimentos. Como está?

– Indo, muito obrigado. Mas me chame apenas de Octávio, por favor, sem o “doutor”.

Octávio exhibe tristeza como cabe a todo enlutado, mas, por dentro, está assustado. Precisa estar certo de que não poderá deixar transparecer qualquer tipo de nervosismo ou cair em contradição.

O papo tende a ser longo, logo Octávio pede que os trâmites sejam breves.

– Vamos lá, então. Octávio, você afirmou, assim que tivemos o nosso contato inicial, que a sua mãe, a respeitada dona Cristina Albuquerque, é uma das vítimas do terrível incêndio. Como o senhor pode ter tanta certeza?

– Eu... eu sei porque... por dois grandes motivos: o primeiro é que a minha mãe desapareceu, está absolutamente fora de contato, e, conhecendo ela, esta situação jamais existiria. Ela sempre me dizia onde estava, sempre se comunicava comigo. O segundo e mais contundente é esta gravação que já passei para o seu escrivão, na qual minha mãe afirmava estar indo para a casa de dona Iaúna.

O delegado, então, informa em voz alta:

– Registre-se que o depoente afirmou que a mãe deixou gravada mensagem prévia afirmando que iria para o local do incêndio.

O escrivão anota tudo, ao mesmo tempo que o delegado vai mudando lentamente o tom, de amigável para mais interrogativo.

– Octávio, como era a sua relação com a sua mãe?

Octávio está tenso, mas já tem traçada uma estratégia para retirar-se completamente do radar de uma possível investigação criminal.

– Qual mãe?

O delegado aperta os olhos.

– Como assim? Você tem mais de uma?

Octávio força um silêncio longo e, em seguida, respira fundo para responder com falsa consternação:

– Eu... eu perdi duas mães naquele incêndio. Minha mãe de sangue, Cristina, era o meu amor maior, o meu universo. Aquela que me deu a vida e construiu quem eu sou hoje, junto com o meu falecido pai. Já a dona Iaúna foi a mãe que o destino me deu. A mulher que me criou, me alimentou e foi a minha melhor amiga. Não tenho como estar mais arrasado.

O delegado balança a cabeça em concordância.

– Saudosa dona Iaúna. Fará muita falta. Mulher de origem humilde e de grande coração.

– Sem a menor dúvida, uma pessoa incrível... – ratifica Octávio, dedicando grande esforço para disfarçar o ódio que sente pela índia.

– O pessoal aqui da delegacia adorava a dona Iaúna. Os bolos que ela trazia, as longas conversas sobre crimes... como ela adorava! Não sei por que aquela doce senhorinha se interessava em ouvir tanta crueldade e levar numa boa.

– Pois é... ela era muito forte, apesar da idade.

– Nem parecia tão velha!

Octávio ajeita-se na cadeira.

– Verdade. Era como se rejuvenescesse a cada dia... – concorda.

Saudoso, o delegado sorri e volta a olhar os papéis.

– A dona Iaúna era uma segunda mãe, como disse. Posso afirmar que você frequentava muito a casa dela?

– Sim, sem a menor sombra de dúvida, desde criança. Sempre foi a minha segunda casa.

- Então, você teve sorte de não estar lá no momento do incêndio, certo?
- Octávio concorda, mas sua mente está dois passos à frente da do delegado.
- Na verdade, o que eu mais queria era estar lá quando o fogo começou.
- Como assim?

Octávio olha para baixo, fingindo tristeza. Pensa na mãe para ganhar credibilidade na atuação.

– Se eu estivesse lá, mas Deus infelizmente não permitiu, eu teria salvado a minha mãe e... a dona Iaúna, com certeza. Conheço o casarão de cima a baixo.

– Então, se houver alguma parte que não foi destruída pelo fogo, teremos chances de encontrar as suas digitais, concorda? Afinal, estava sempre lá.

- Sim... com certeza, mas aonde o senhor quer chegar?

O delegado dá um longo gole num copo de café frio e responde:

– Bem... em lugar nenhum. Só para saber mesmo. Encontramos polietileno derretido no casarão. Sabe o que isso significa?

- Polietileno? – estranha Octávio. – Pode significar tantas coisas...

– Galões de gasolina derretidos, Octávio. É isso que significa uma grande quantidade de polietileno num incêndio. Por isso estamos investigando tudo. Não que a dona Iaúna não pudesse guardar gasolina em casa. Eu não duvido, aquela índia era teimosa... Mas, voltando... você sabia que há partes do local que não foram queimadas?

Octávio se mostra surpreso, mas não diz nada. O policial prossegue.

– Posso afirmar que você não esteve lá e nem nas proximidades naquele dia?

- Sim, mas...

– Então, onde você estava?

– No meu apartamento – responde, sem titubear. Arrepende-se da velocidade com que informa e então se recorda: dados do FBI comprovam que mentirosos respondem mais rápido perguntas óbvias porque decoraram as respostas. “Eu preciso atrasar minhas respostas para perguntas óbvias em um ou dois segundos. As demais devo responder rápido, olhando nos olhos, mas baixando, às vezes, o olhar em sinal de tristeza.”

– E como demorou tanto para saber sobre o incêndio, ouvir o recado da sua mãe e, pior ainda, atender às ligações da polícia?

Octávio segura com as duas mãos um copo plástico com água gelada, que haviam deixado para ele na mesa. Ensaia beber, mas recoloca-o na mesa. “Esse malandro quer me dar um xeque-mate!”

– Eu sou pesquisador, além de médico, como o senhor deve saber. Preciso de sossego e concentração durante o trabalho, e uma noite muito bem dormida. Nesse dia, inclusive, após horas exaustivas trabalhando com o celular desligado, tomei remédio para dormir e apaguei. Eu estava havia dias sem experimentar um sono reparador.

O delegado dá outro gole, matando o café frio, e olha para o escrivão, que ergue as sobrancelhas e sorri amigavelmente.

– Então, você é o primeiro médico que eu conheço que consegue realizar tal façanha.

– Qual façanha? – pergunta Octávio, sem entender bem a que façanha ele estava se referindo.

– Dormir!

O delegado ri alto da própria piada, acompanhado por Octávio. Dr. PH completa:

– Na verdade, isso explica o fato de você tomar remédio. Um comportamento muito comum entre os profissionais de medicina. Não deveriam, mas sei que vocês são chegados nuns... você sabe.

Octávio concorda com a cabeça. O delegado aproxima o rosto.

– Ninguém falou com você ou o viu no dia do incêndio?

– No dia, exatamente, não. Um dia antes, conversei com uma grande amiga minha, Fernanda deVita. Estava preocupada com a Martha, a minha ex. Foi a última pessoa que me ligou, podem verificar com ela. Aliás, foi essa ligação que me motivou a desligar o celular e tomar o remédio pra dormir. Meu celular sempre fica ligado para emergências, mas eu estava muito cansado e precisava realmente descansar.

– Verificaremos, pode ter certeza, mas saiba que, procedimentos à parte, estou sendo rígido apenas por praxe. Ainda não sabemos a causa do incêndio,

e você é tão vítima quanto as suas *duas* mães. Geralmente, incêndios suspeitos nos levam ao padrão Watergate de investigação...

– Padrão Watergate?! – questiona Octávio.

– Sim, usamos a regra do “Siga o Dinheiro”. Incêndios criminosos são causados por antecipação de herança, liberação de terreno ou briga entre membros da família. Conversamos com algumas pessoas, e está bem claro que você não tem nenhuma destas três motivações. Estamos vendo agora se algum parente da dona Iaúna poderia querer a casa ou o dinheiro dela!

– Será, dr. PH? – Octávio finge surpresa.

– Apenas motivos passionais justificariam algo da sua parte, mas você amava ambas as mulheres, não?

– Demais, delegado. Amava muito as duas. Eram como guias para mim. Eram o que eu tinha de mais valioso na vida... Eram os meus faróis, o meu porto seguro.